

OBSERVAÇÕES SOBRE O LIVRO *SOBRE A PASSAGEM DE MARX AO COMUNISMO*

Por Michael Heinrich

Foi professor na Universidade de Ciências Aplicadas, na Universidade de Viena e na Universidade Livre de Berlim. É colaborador da MEGA2

E-mail: m.heinrich@prokla.de

Comunicação oral apresentada em 08/08/2024 no III Encontro Internacional de Pesquisadores Marxistas, organizado pela UFMS e UCDB¹

Muito obrigado pelo convite para falar aqui juntamente com Rafael Padias sobre seu livro *Sobre a passagem de Marx ao comunismo*.

Infelizmente, seu livro está disponível apenas em português, e eu não falo nem leio português. No entanto, contamos com a inteligência artificial, e, com a ajuda do *DeepL*, consigo até mesmo ler um texto em português.

Na introdução de seu livro, Rafael enfatiza que ele não é uma biografia. Contudo, analisa uma parte do desenvolvimento intelectual e político de Marx. Para mim, como biógrafo de Marx, esta também é uma parte importante do meu trabalho.

Quando Rafael e eu começamos a discutir sobre isso no ano passado, fiquei muito feliz ao reconhecer que tínhamos ideias semelhantes sobre a metodologia para esse tipo de estudo do desenvolvimento intelectual de Marx.

Escrever uma biografia ou um estudo sobre o desenvolvimento intelectual de uma pessoa envolve um grande risco: você já conhece o final da história, sabe como a pessoa descrita de fato se desenvolveu.

Esse conhecimento pode seduzi-lo a narrar a história da vida ou do desenvolvimento intelectual dessa pessoa como um processo necessário rumo ao desfecho já conhecido.

Muitos biógrafos de Marx tentam mostrar como o seu desenvolvimento posterior já está presente nos primeiros escritos. Alguns chegam a acreditar que, no ensaio escolar final de Marx sobre os pensamentos de um jovem ao escolher uma profissão, já podem ser encontrados elementos do materialismo histórico.

Particularmente, biógrafos *marxistas* de Marx têm uma tendência a considerar mesmo o jovem Marx como já perfeito. Seu desenvolvimento é então concebido como um processo de “quase perfeito” para “totalmente perfeito”.

¹ Tradução de Prof. Dr. Ricardo Pereira de Melo (UFMS). O link para a apresentação pode ser encontrado aqui: <https://www.youtube.com/live/1FLKCDJF95k?si=C55GLLeL6vr5_Ge>. Acesso em 22 de janeiro de 2025.

E, nesse caminho rumo à perfeição crescente, as outras pessoas que Marx conheceu outros filósofos, outros autores desempenham apenas um papel subordinado e menor. A única pessoa importante é Marx.

É claro que tal visão é absurda. A história é um processo aberto, não apenas para sociedades inteiras e movimentos sociais, mas também quando se trata de indivíduos.

E os indivíduos, por mais genialidade que tenham, dependem da troca e da interação com os outros.

Rafael iniciou sua fala com uma crítica ao termo “marxismo”. Ele enfatizou que Marx afirmou não ser marxista. Isso não foi apenas uma frase; foi uma declaração séria de Marx.

O “marxismo” (que não foi criado por Marx, mas por seus seguidores) tem uma existência histórica. Porém, não existe apenas um único marxismo; há mais de um marxismo. Entretanto, nos últimos 100 anos, a versão mais influente de marxismo foi o “marxismo-leninismo”.

E o “marxismo-leninismo” deu origem não apenas ao “materialismo dialético” e ao “materialismo histórico” (dois termos nunca usados por Marx), mas também a um certo esquema para o desenvolvimento intelectual do jovem Marx.

Esse esquema remonta ao famoso artigo de enciclopédia de Lenin sobre Marx, publicado em 1914.

Pequenas alusões à transição de Marx do idealismo para o materialismo e do democratismo revolucionário para o comunismo foram usadas para construir um esquema que permaneceu inquestionado (ao menos entre muitos marxistas) por décadas.

No entanto, Lenin não conhecia textos decisivos do jovem Marx, porque não foram publicados durante sua vida. Ele não conhecia:

- O manuscrito de Kreuznach sobre a crítica da filosofia do direito de Hegel, de 1843;
- Os *Manuscritos Econômico-Filosóficos* e os excertos sobre James Mill, de 1844;
- Os manuscritos da *Ideologia Alemã*, de 1845/46;
- E, além disso, ele não conhecia várias cartas de Bruno Bauer e outros ao jovem Marx, que são importantes porque muitas das cartas do jovem Marx se perderam. Mas, a partir dessas cartas enviadas a ele, podemos obter algumas informações sobre seus pensamentos e discussões.

Mais tarde, quando esses textos foram publicados, o esquema explicativo já estava dado. Não foi realmente examinado, foi simplesmente aceito. Os textos recém-publicados foram interpretados de modo a se ajustarem a esse esquema já estabelecido.

Rafael Padial está absolutamente certo ao questionar os antigos esquemas do desenvolvimento de Marx. Eles não correspondem realmente aos textos e materiais que temos.

Além disso, Rafael também está correto em considerar pessoas como Bruno Bauer ou Moses Hess como centrais para o desenvolvimento de Marx. Centrais não apenas no sentido fraco de que deram algumas inspirações menores a Marx e que ele os superou rapidamente.

Não. Durante certo tempo, Marx foi seguidor. Ele foi seguidor de posições e abordagens que mais tarde criticaria. Seu desenvolvimento não foi apenas de quase perfeito para completamente perfeito.

A abordagem metodológica que Rafael Padial escolheu é a *única realmente científica* para examinar o desenvolvimento intelectual e político de Marx. E, por isso, seu livro já abre novos campos para debates científicos.

Rafael Padial não apenas adotou uma excelente abordagem metodológica, mas também apresentou resultados importantes de sua investigação.

Concordo com seu principal resultado, de que a transição de Marx para o comunismo ocorreu apenas em 1845/46, conectada aos manuscritos da *Ideologia Alemã*, e que o capítulo sobre Stirner é o decisivo.

Nas edições usuais da *Ideologia Alemã*, esse fato é confundido pela ordem em que os manuscritos são apresentados: o capítulo sobre Feuerbach aparece como o primeiro, e o capítulo sobre Stirner como o último.

Isso ocorre até mesmo na edição da nova MEGA. Como primeira edição, a MEGA apresenta todos os manuscritos da *Ideologia Alemã*, mas esses manuscritos são apresentados como manuscritos individuais.

No entanto, a ordem dos manuscritos no volume da MEGA não é guiada pela sequência em que foram escritos. Essa ordem cronológica é mencionada apenas no volume de aparato.

A ordem dos manuscritos no volume da MEGA segue uma abordagem “sistemática”, em que, novamente, os manuscritos para o capítulo sobre Feuerbach constituem o início, e o manuscrito com o capítulo sobre Stirner constitui o final do volume.

Também concordo com Rafael em sua interpretação dos *Manuscritos econômico-filosóficos* de 1844. Embora o termo “comunismo” seja usado ali, o conceito desses manuscritos é bastante próximo do chamado “socialismo verdadeiro”, que Marx e Engels mais tarde criticariam tão ferozmente.

Tenho também algumas diferenças com as apresentações de Rafael. No entanto, essas diferenças são bastante menores em comparação com as conquistas enormes de todo o livro.

A primeira diferença diz respeito à interpretação da *filosofia da “autoconsciência”* de Bauer. Em *A Sagrada Família*, Marx interpreta isso como uma espécie de recaída em um subjetivismo fichteano, e muitos autores seguem Marx, e Rafael também tende a ir nessa direção.

No entanto, o julgamento de Marx em *A Sagrada Família* é principalmente polêmico. Não é realmente o resultado de uma avaliação rigorosa dos textos de Bauer, e tenho minhas dúvidas de que esse julgamento de Marx seja correto, ao menos para textos que surgiram no período de intensa colaboração entre Marx e Bauer.

Permita-me usar, por um momento, os termos modernos de “estrutura” e “agência” [*agency*] para esclarecer minha interpretação diferente da “autoconsciência” de Bauer:

Bauer usa seu conceito de “autoconsciência”, pelo menos nos anos de 1840-42, para restaurar a “agência” contra o poder esmagador da “estrutura” na abordagem de Hegel. No entanto, ele faz isso de maneira “hegeliana”: “autoconsciência” é também uma categoria central na filosofia de Hegel.

A “autoconsciência” de Bauer não é uma expressão de puro subjetivismo; é uma tentativa de captar a subjetividade em um mundo dominado por forças objetivas.

Após 1842, esse conceito tornou-se cada vez mais independente, o que dá mais razão para criticá-lo como “subjetivista”. No entanto, para o período em que Marx e Bauer colaboraram intensamente, e Marx foi influenciado por Bauer, não podemos falar da “autoconsciência” como um conceito subjetivista.

Tenho uma objeção semelhante à interpretação do uso do termo “*massas*” por Bauer e o desprezo por essas “massas”. O termo “massas” tornou-se importante para Bauer principalmente no período posterior à sua colaboração com Marx.

Não consigo perceber que o Marx muito jovem, sob a influência de Bauer, tivesse qualquer tendência ao desprezo pelas massas. Em alguns dos artigos de Marx no *Rheinische Zeitung*, pode-se encontrar uma atitude bastante paternalista em relação às massas dos pobres. Em 1842, Marx não tinha ideia de que as massas de trabalhadores e camponeses pobres poderiam desenvolver uma agência social, mas não vejo nenhum sinal de verdadeiro *desprezo* pelas massas por parte de Marx.

Um último ponto. Segundo o esquema tradicional, em 1842, enquanto trabalhava para o *Rheinische Zeitung*, Marx assumiu uma posição revolucionária-democrática, que, em 1843/44, teria se transformado em uma posição comunista.

Rafael e eu criticamos a atribuição de uma posição *revolucionária-democrática* a Marx. No entanto, criticamos diferentes aspectos dessa atribuição.

Rafael critica principalmente a parte “revolucionária” dessa atribuição. Em 1842, nos artigos de Marx para o *Rheinische Zeitung*, Rafael identifica uma posição liberal-democrática, que não é revolucionária, mas de caráter reformista.

Admito que a avaliação de Rafael sobre a posição de Marx possui certa plausibilidade. Não se encontram declarações revolucionárias abertas nos artigos de Marx. Contudo, devido à censura à imprensa, era impossível formular abertamente tal opinião em um jornal.

No segundo volume da minha biografia de Marx, tentarei apresentar algumas evidências de que, em 1841/42, Marx tinha uma posição revolucionária, não uma *posição revolucionária-democrática*, mas uma *posição revolucionária-republicana*.

Resumidamente, posso apresentar as seguintes indicações para tal posição:

- Bruno Bauer, em seu *Trombeta do Juízo Final*, articulou tal posição. Marx colaborou com Bauer; em 1841, ele queria escrever com Bauer a segunda parte da *Trombeta*. Portanto, podemos concluir que havia grande concordância com o conteúdo da primeira parte.
- Para seus novos amigos em Colônia, Marx foi descrito como um “revolucionário desesperado”; veja, por exemplo, a carta de Gottlob Jung a Ruge no outono de 1841.
- Há até mesmo algumas alusões pouco disfarçadas em seus artigos. Por exemplo, em seu primeiro artigo no *Rheinische Zeitung* sobre a liberdade de imprensa, Marx menciona a execução do rei inglês Carlos I em 1649.

Esse foi um evento importante na história europeia: a primeira vez que um rei (que justificava seu poder como vindo de Deus) foi julgado por um tribunal de seus próprios súditos e, além disso, sentenciado à morte. O contexto do comentário de Marx indica claramente uma ameaça: vejam, isso pode acontecer.

– Há uma carta de Marx a Ruge, no início de 1842, na qual Marx critica ferozmente o conceito de monarquia constitucional. A Prússia, naquela época, não era de forma alguma uma *monarquia constitucional*. Transformar o estado prussiano em tal monarquia constitucional era o objetivo futuro da maioria dos liberais prussianos. Eles poderiam esperar alcançar tal transformação de maneira reformista. Transformar a Prússia em uma *república* só seria possível por meio de uma revolução.

O termo que utilizo aqui para descrever Marx como “revolucionário-republicano” soa semelhante ao termo “democratismo revolucionário” usado no esquema tradicional. Mas é diferente.

No “marxismo-leninismo”, o termo “democratismo” é frequentemente usado para descrever uma orientação voltada aos interesses da classe trabalhadora ou das pessoas pobres em geral. Para demonstrar que Marx, em 1842, tinha tal orientação, vários autores marxistas-leninistas tentam provar que Marx, já em seus primeiros artigos no *Rheinische Zeitung*, agia como uma espécie de representante da classe trabalhadora.

Acredito que isso está errado. A principal categoria de Marx, em 1842, era o “cidadão”, e seu principal interesse era a relação entre os cidadãos e o Estado, guiado por um ideal de comportamento republicano.

A ausência de qualquer análise de classe em 1842 teve como consequência que a orientação “revolucionária” de Marx não tivesse nada a ver com uma revolução social; o objetivo, nesse período inicial, era uma *revolução puramente política*. Era uma ideia de revolução muito limitada.

As diferenças mencionadas com os julgamentos de Rafael Padial são menores quando consideramos todo o seu livro, e não prejudicam a qualidade e excelência de sua obra.

Pelo contrário. O fato de Rafael, em seu livro, questionar as visões tradicionais e os esquemas de desenvolvimento, abriu um novo campo para a pesquisa, de modo que agora podemos discutir de forma produtiva tais diferenças. Precisamos de mais livros como o de Rafael Padial.

Muito obrigado pela atenção.

REMARKS TO RAFAEL PADIAL'S BOOK ON MARX'S PATH TO COMMUNISM

By Michael Heinrich

Foi professor na Universidade de Ciências Aplicadas, na Universidade de Viena e na Universidade Livre de Berlim. É colaborador da MEGA2
E-mail: m.heinrich@prokla.de

Oral presentation delivered on August 8, 2024, at the 3rd International Meeting of Marxist Researchers, organized by UFMS and UCDB.¹

Thank you very much for the invitation to talk here together with Rafael Padial about his book on *Marx's path to communism*.

Unfortunately, his book exists only in Portuguese, and I don't speak or read Portuguese. However, we have artificial intelligence, and with the help of DeepL, I can even read a Portuguese text.

In the introduction of his book, Rafael stresses that it is not a biography. However, it analyzes a part of Marx's intellectual and political development. For me, as a Marx biographer, this is also an important part of my work.

When, last year, Rafael and I started to discuss, I was very happy to recognize that we had similar ideas about the methodology for such a study of Marx's intellectual development.

Writing a biography or a study about the intellectual development of a person includes a big danger: you know the end of the story, you know how the person described, in fact, developed.

This knowledge may seduce you to narrate the story of the life or of the intellectual development of this person as a *necessary* development toward this well-known end of the story.

Many Marx biographers try to show how his later development is already present in very early writings. Several of them believe that in Marx's final school essay about the thoughts of a young man choosing a profession, they could already find the elements of historical materialism.

Especially *Marxist* biographers of Marx have a tendency to consider even the young Marx as already perfect. His development is then conceived as the process from "almost perfect" to "totally perfect."

¹ Link to the presentation: <https://www.youtube.com/live/1FLKcJF95k?si=C55GLleL6vr5_Ge>. Accessed on Jan. 22nd, 2025.

And on this road of becoming more and more perfect, other persons Marx met, other philosophers, other authors play only a subordinated, minor role.

The only important person is Marx.

Of course, such a view is nonsense. History is an open process, not only for whole societies and social movements but also when we regard single individuals.

And individuals, no matter how big their genius is, are dependent on the exchange and interaction with others.

Rafael started his talk with a critique of the term “Marxism.” He stressed that Marx claimed not to be a Marxist. This was not just a phrase; it was a serious statement of Marx.

“Marxism” (which was not created by Marx but by his followers) has a historical existence. But there is not only a single Marxism; there is more than one Marxism.

However, during the last 100 years, the most influential version of Marxism was “Marxism-Leninism.”

And “Marxism-Leninism” gave birth not only to “dialectical” and “historical materialism” (two terms never used by Marx) but also to a certain scheme for the intellectual development of the young Marx.

This scheme goes back to Lenin’s well-known encyclopedia article about Marx, published in 1914.

Small hints about Marx’s transition from idealism to materialism and from revolutionary democratism to communism were used to construct a scheme that remained unquestioned (at least among many Marxists) for decades.

However, Lenin didn’t know decisive texts of the young Marx because they were not published during his lifetime. He didn’t know:

- the Kreuznach manuscript about the critique of Hegel’s philosophy of right from 1843;
- the *Economic-Philosophical Manuscripts* and the excerpt on James Mill from 1844;
- the manuscripts of *The German Ideology* from 1845/46;
- and furthermore, he didn’t know several letters from Bruno Bauer and others to the young Marx. These letters are important because many letters of the young Marx are lost, but from these letters to him, we can get some information about his thoughts and discussions.

Later, when these texts were published, the explanatory scheme was already given. It was not really checked; it was taken for granted. The newly published texts were interpreted in such a way that they should fit into this already given scheme.

Rafael Padial is absolutely right in questioning the old schemes of Marx's development. They do not really fit with the texts and materials we have.

Furthermore, Rafael is also right to consider persons like Bruno Bauer or Moses Hess as central to Marx's development. Central not only in the weak sense that they gave some minor inspirations to Marx, and rather quickly Marx left them behind. No. For a certain time, Marx was a follower. He was a follower of positions and approaches he later criticized. His development was not just from almost perfect to completely perfect.

The methodological approach Rafael Padial chose is the *only really scientific approach* to examine Marx's intellectual and political development. And already because of this, his book opens new fields for scientific debates.

Rafael Padial had not only an excellent methodological approach, he also presented important results of his investigation.

I agree with his main result, that Marx's transition to communism happened only in 1845/46, connected with the manuscripts of *The German Ideology* and that here the chapter on Stirner is the decisive one.

In the usual editions of *The German Ideology*, this fact is confused by the order in which the manuscripts are presented: the Feuerbach chapter as the first one and the Stirner chapter as the last one.

This happens even in the edition of the new MEGA. As first edition MEGA presents all of the manuscripts of *The German Ideology* these manuscripts are presented as single manuscripts.

However, the order of the manuscripts in the MEGA volume is not guided by the sequence in which these manuscripts were written. This chronological order is only mentioned in the apparatus volume.

The order of the manuscripts in the MEGA volume follows a kind of "systematic" approach, where again the manuscripts for the Feuerbach chapter constitute the beginning, and the manuscript with the Stirner chapter constitutes the end of the volume.

I also agree with Rafael in his interpretation of the *Economic-Philosophical Manuscripts* of 1844. Although the term "communism" is used there, the concept of these

manuscripts is rather close to the so-called “true socialism,” which Marx and Engels later would criticize so fiercely.

I have also some differences with the presentations of Rafael. However, these are rather minor differences compared with the enormous achievements of the whole book.

The first difference regards the interpretation of Bauer’s *philosophy of “self-consciousness.”* In *The Holy Family*, Marx interprets this as a kind of relapse into Fichtean subjectivism, and many authors follow Marx. Rafael also tends to go in this direction.

However, Marx’s judgment in *The Holy Family* is mainly polemical. It is not really the result of a strict evaluation of Bauer’s texts, and I have my doubts that this judgment of Marx is correct, at least for texts that emerged in the period of strong collaboration between Marx and Bauer.

Let me use for a moment the modern terms of “structure” and “agency” to make clear my different interpretation of Bauer’s “self-consciousness”:

Bauer uses his concept of “self-consciousness,” at least in the years 1840-42, in order to restore “agency” against the overwhelming power of “structure” in Hegel’s approach. However, he does this in a “Hegelian” way: “self-consciousness” is also a central category in Hegel’s philosophy.

Bauer’s “self-consciousness” is not an expression of pure subjectivism; it is an attempt to catch subjectivity in a world dominated by objective forces.

After 1842, this concept became more and more independent, and this gives more reason to criticize it as “subjectivist.” However, for the period in which Marx and Bauer intensively collaborated and Marx was influenced by Bauer, we cannot speak of “self-consciousness” as a subjectivist concept.

I have a similar objection against the interpretation of Bauer’s use of the term “*masses*” and his contempt for these “masses.” The term “masses” became important for Bauer mainly in the period after his collaboration with Marx.

I cannot see that the very early Marx, under the influence of Bauer, had any tendency to contempt the masses. In some of Marx’s articles in the *Rhenish Newspaper*, you can find a rather paternalistic attitude toward the masses of the poor. In 1842, Marx had no idea that the masses of workers and poor peasants could develop a social agency, but I don’t see any signs of real *contempt* for the masses on Marx’s side.

A last point. According to the traditional scheme, in 1842, while working for the *Rhenish Newspaper*, Marx took a *revolutionary-democratic position*, which then in 1843/44 transformed into a communist position.

Rafael and I both criticize that Marx is ascribed a revolutionary-democratic position. However, we criticize different ends of this ascription.

Rafael criticizes mainly the “revolutionary” part of this ascription. In 1842, in Marx’s articles for the *Rhenish Newspaper*, Rafael recognizes a liberal-democratic position, which is not revolutionary but of reformist character.

I admit that Rafael’s evaluation of Marx’s position has a certain plausibility. You cannot find any open revolutionary statements in Marx’s articles. However, regarding the censorship of the press, it was impossible to formulate openly such an opinion in a newspaper.

In the second volume of my Marx biography, I will try to give some evidence that Marx in 1841/42 had a revolutionary position, *not a revolutionary-democratic position*, but a *revolutionary-republican position*.

In short, I can present the following indications for such a position:

– Bruno Bauer, in his *Trumpet of the Last Judgment*, articulated such a position. Marx collaborated with Bauer. In 1841, he wanted to write together with Bauer the second part of the *Trumpet*. Therefore, we can conclude that there was a lot of agreement with the content of the first part;

– From his new friends in Cologne, Marx was described as a “desperate revolutionary.” See, for example, the letter of Gottlob Jung to Ruge from autumn 1841;

– There are even some only less hidden hints in his articles. For example, in his first article in the *Rhenish Newspaper* about the freedom of the press, Marx mentions the execution of the English king Charles I in 1649.

This was an important event in European history: the first time a king (who took his justification from God) was judged by a court of his own subjects and, furthermore, received a death sentence. The context of Marx’s remark indicates clearly a threat: look, this can happen;

- There is a letter from Marx to Ruge from early 1842, where Marx fiercely criticized the concept of a *constitutional monarchy*. Prussia at this time was not at all a constitutional monarchy. Transforming the state of Prussia into such a constitutional monarchy was the future aim of the majority of the Prussian liberals. They could hope to

reach such a transformation in a reformist way. Transforming Prussia into a *republic* would be possible only with a revolution.

The term I use here to describe Marx as “revolutionary-republican” sounds similar to the term “revolutionary democratism” used in the traditional scheme. But it is different.

In “Marxism-Leninism,” the term “democratism” is often used to describe an orientation toward the interests of the working class or the poor people in general. In order to show that Marx in 1842 had such an orientation, several Marxist-Leninist authors try to prove that Marx already, in his early articles in the *Rhenish Newspaper*, acted as a kind of representative of the working class.

I think this is wrong. Marx’s main category in 1842 was the “citizen,” and his main interest was the relation between the citizens and the state, guided by an ideal republican behavior.

The absence of any class analysis in 1842 had the consequence that Marx’s “revolutionary” orientation had nothing to do with a *social revolution*. The aim in this early period was a purely *political revolution*. It was a very restricted idea of revolution.

The mentioned differences with Rafael Padial’s judgments are minor differences when we regard his whole book, and they don’t do any harm to the quality and excellence of his book.

On the contrary, that Rafael, in his book, questioned the traditional views and development schemes opened a new field for research, so that we can now discuss in a productive way about such differences. We need more such books as that of Rafael Padial.

Thank you very much for your attention.